



TEORIAS GEOPOLÍTICAS E PODER MUNDIAL

Octavio Tosta

INTRODUÇÃO

Napoleão Bonaparte afirmou um dia: *A Política de um Estado está na sua geografia*. Este pensamento contém uma idéia geopolítica e, por ele, podemos concluir que a segurança, o desenvolvimento econômico e social, bem como as relações internacionais de um Estado, dependem das suas condições geográficas.

Friedrich Ratzel é considerado o precursor da Geopolítica, embora nunca tivesse utilizado essa expressão. Sua teoria apóia-se na decisiva influência exercida em todos os fenômenos políticos pelos dois fatores geográficos: *espaço* ("Raum") — área ocupada por um Estado — e *posição* ("Lage") (1). O *espaço* é

definido por seus caracteres físicos: extensão, forma, contextura, clima, relevo, etc. e a *posição* situa o espaço sobre a terra e condiciona as suas relações. Estes dois elementos determinam o valor político e o "derradeiro destino de todas as partes da superfície da terra".

"Semelhante à luta pela vida, cuja finalidade básica é obter espaço, as lutas dos povos são, quase sempre, luta pelo mesmo objeto. Na história moderna a recompensa da vitória sempre foi ou tem pretendido ser — um proveito territorial."

Ratzel adotou a concepção de Estado como organismo. O solo e o homem estão inseparavelmente vinculados. O elemento "materialmente coerente" do Estado é o solo, com o qual o Estado — um grupo de homens — tem uma "vinculação espiritual".

De acordo com essa teoria organicista, os Estados podem expandir-se, con-

(1) A palavra *Lage* correspondem nas línguas latinas e inglesa duas acepções: a de *posição astronômica* (latitude e longitude) e de "situação" geográfica (relevo, continentalidade, vizinhança do mar, etc.) — E. Backheuser in *Geopolítica Geral e do Brasil*.



Halford J. Mackinder

trair-se, viver, prosperar, decair e morrer como seres vivos.

Segundo Ratzel, somente uma vez, uma potência pode desempenhar papel preponderante na política mundial; as potências entram e saem do plano da história num espetáculo sempre novo de ascensão, brilho e declínio.

Rudolf Kjellén dividiu a Política em cinco partes: *Geopolítica*, referindo-se ao estudo dos fenômenos políticos influenciados pelo Território; *Demopolítica*, referindo-se ao estudo dos fenômenos políticos influenciados pelo Povo; *Ecopolítica*, pela Economia; *Sociopolítica*, pela Sociedade; e *Cratopolítica*, pelo Governo.

Na sua concepção organicista, os Estados são verdadeiros seres vivos. Admite que "quanto mais o mundo se organi-

zava, mais os vastos espaços, como Estados grandes, faziam sentir sua influência, e quanto maior o desenvolvimento dos grandes Estados, menor a importância do pequeno Estado. Mas observa que um Estado só pode ser reconhecido como possuidor de um grande poder real quando satisfizer às três condições: grande espaço; liberdade de movimentos; e coesão interna.

Os estudos sistemáticos de cunho essencialmente geopolítico tiveram início com Ratzel como admitiu o próprio Kjellén ao afirmar que "o termo geopolítica significa originariamente o mesmo que a geografia política de Ratzel. Em realidade, a contribuição de Kjellén restringe-se, quase, à criação do vocábulo geopolítica — de ampla repercussão — e pelo fato de "ter lutado pelo reconhecimento de uma justa autonomia para os estudos da natureza geopolítica".



Alfred Thayer Mahan

Há duas definições bem sugestivas de Geopolítica: Para o mestre brasileiro Everardo Backheuser, *Geopolítica é a política feita em decorrência das condições geográficas*. O Professor Nicholas John Spykman define Geopolítica como *planejamento da política de segurança de um país em termos de seus fatores geográficos*. Ressalta que o termo responde à seguinte pergunta: "Dada uma situação geográfica particular, qual é a melhor política a seguir para obter sua segurança?" Spykman, bem como Weigert, Strausz-Hupé e outros, ao estudarem a *geopolítica dos Estados Unidos*, estavam, em realidade, estabelecendo as diretrizes de uma Política de Segurança Nacional fundamentada nos fatores geográficos do país ou, em outras palavras, estavam tratando de *geoestratégia*.

TEORIAS GEOPOLÍTICAS

Mahan e o Poder Marítimo

Alfred Thayer Mahan foi o primeiro escritor a publicar trabalho sobre poder marítimo, mostrando a sua influência decisiva na história. Sua teoria fundamenta-se no princípio de que as nações podem crescer ou entrar em decadência mas nunca permanecer estáticas. Observa que o Poder Marítimo tem grande importância no destino das nações e afirma que é indispensável ao seu desenvolvimento, prosperidade e segurança.

"Para quem possui potencial militar — salienta Mahan — um dos requisitos necessários à consecução da vitória é o domínio dos mares. Este garante, na paz e na guerra, a continuidade do comércio marítimo e as trocas de produtos manufaturados por matérias-primas, estabelecendo uma estreita interdependência en-

tre o comércio exterior e a Marinha de Guerra". A eficiência da Armada depende das suas bases e dos portos distantes. E a chave do *poder mundial* está no controle das rotas marítimas de comércio.

Ao examinar a *posição geográfica* como componente do Poder Marítimo, Mahan destaca a posição estratégica das Ilhas Britânicas, pois estas, embora resguardassem os ingleses de possíveis invasões partidas do continente, não os impediam da ingerência nos negócios europeus.

Por outro lado, as Ilhas Britânicas tornaram-se a "chave-mestra" de uma imensa estrutura de poder marítimo que se apoiava em portos ou bases espalhados por todos os continentes e situados em posições de alto valor estratégico, tais como: Gibraltar, Malta, Alexandria, Cabo da Boa Esperança, Eden, Ceilão, Singapura, Hong Kong, Bermudas, Falkland e Halifax.

"Essa rede global de postos navais britânicos possuía não somente grande poder defensivo, mas, também, incomparável valor ofensivo".(2) Por isso, o Almirante Lord Fisher declarou certa vez que a Inglaterra estava de posse das *cinco chaves* com as quais "estabelecia o bloqueio do mundo": Dover, Gibraltar, Alexandria, Cabo da Boa Esperança e Singapura. (3)

Mackinder e a Visão Global do Mundo

As concepções geopolíticas de Halford Mackinder estão expostas nos dois famosos trabalhos: *O Pivô Geográfico da História* divulgado em 1904; e no *Ideias Democráticas e Realidade*, publicado em 1919 e reeditado em 1943.

(2) Harold e Margaret Sprout in *British sea power in the writings of captain Alfred Thayer Mahan*.

(3) Harold e Margaret Sprout in op. cit.



Alexander P. Seversky

A teoria de Mackinder sobre o *pivô geográfico da história* fundamenta-se numa apreciação global do mundo, na qual observa que: 9/12 do nosso planeta são constituídos de águas e apenas os restantes 3/12 são abrangidos pelas terras emersas.

Desses 3/12, correspondentes às terras emersas, 2/12 formam o antigo continente (Europa, Ásia, África), cujo conjunto, chamado por Mackinder de *Ilha Mundial*, abriga a maior parte do poder da Terra. As restantes terras emersas (Américas e Austrália), denominadas *Ilhas do Exterior*, representam apenas 1/12 da superfície do Globo.

Complementando seu estudo Mackinder apresenta um mapa na projeção Mercator (ver figura na pág. 83) no qual caracteriza:

— a *área pivô*;

— um *crescente interior ou marginal* (em meia-lua, em torno da "área pivô" e abrangendo a Alemanha, a Áustria, a Turquia, a Índia e a China);

— um *crescente exterior ou insular* (numa meia-lua externa, compreendendo a Inglaterra, a África do Sul, a Austrália, os Estados Unidos, o Canadá e o Japão).

No seu trabalho *O Pivô Geográfico da História* lido na Royal Geographical Society de Londres, no dia 25 de janeiro de 1904, Mackinder afirma: "O pivô da política mundial se acha sobre vasta região eurásiana, inacessível aos navios, mas aberta na antiguidade, aos cavaleiros nômades e que, hoje, se acha em condições de ser coberta de vias férreas.

Essa região possui, e possui ainda, as condições de mobilidade essenciais ao desenvolvimento numa potência econômica e militar, embora limitada. A Rússia substituiu o Império Mongol. A pressão sobre a Finlândia, a Escandinávia, a Polônia, a Turquia, a Pérsia, a Índia e a China, substituiu os reides centrífugos dos habitantes das estepes. Ela ocupa, em face do mundo, a mesma posição estratégica central que a Alemanha, dentro da Europa. Pode atacar e ser atacada de todos os lados, menos do norte. O desenvolvimento de suas ferrovias é uma questão de tempo. E, mesmo uma revolução social, não modificaria, indubitavelmente, o princípio de suas limitações geográficas".

Após a guerra de 1914-18, Mackinder continuou a considerar a Rússia como o *pivô do mundo*, chamando-a de *Heartland* ("Coração Continental"). Por ocasião da Conferência de Paz, no artigo intitulado "Ideais Democráticos e Realidade" observa que "o Oeste da Europa insular e peninsular deve se opor neces-



O MUNDO SEGUNDO MACKINDER

sariamente a toda tentativa de qualquer potência para organizar os recursos do Este da Europa e do Heartland". Mostra que o desequilíbrio em favor do *Estado pivô*, acarretando uma expansão além das regiões marginais da Eurásia, permitiria o emprego dos vastos recursos continentais para construir uma esquadra e, conseqüentemente, o império do Mundo estaria à vista. É o que poderia acontecer se a Alemanha se unisse à Rússia".

As concepções geoestratégicas de Mackinder estão resumidas nestas suas afirmações feitas durante os trabalhos da Conferência de Paz, em 1919:

"Enquanto os nossos estadistas estão em conversação com o inimigo derrotado, algum querubim alado deveria sussurrar-lhes de tempos a tempos: "Quem dominar a Europa Oriental con-

trolará o Coração Continental"; "Quem dominar o Coração Continental controlará a Ilha Mundial"; "Quem dominar a Ilha Mundial controlará o Mundo".

No ano de 1947, enquanto as forças aliadas completavam a destruição da Alemanha nazista, Halford Mackinder publicou o artigo intitulado "O Mundo Redondo e a Conquista da Paz". Segundo Mackinder esse trabalho tratava de estratégia e tinha como propósito reexaminar o conceito de *Heartland*, no mundo pós-guerra.

O artigo apresenta um exame de aspectos estratégicos do *Heartland* segundo desta advertência:

"Se a União Soviética sair desta guerra como conquistadora da Alemanha, ela se colocará como o maior poder terrestre do Globo. Será, acima de tudo, a potência estrategicamente melhor situa-

da, sob o ponto de vista defensivo. O *Heartland* é a maior fortaleza natural da terra. Pela primeira vez na história está guarnecido por uma força suficiente tanto em número como em qualidade."

Seversky e a Geoestratégia Aérea Global

Poder Aéreo, de acordo com Alexander P. Seversky, é a capacidade que tem uma nação de defender seus interesses por meios aéreos. Afirma que, na época atual, o Poder Aéreo é, por sua importância, um instrumento da política nacional da mesma forma que o Poder Marítimo o foi no século passado.

A concepção estratégica de Seversky é de caráter global e tem por mapa básico a projeção azimutal equidistante com centro no pólo norte. O *Mapa de Seversky* apresenta o mundo dividido em duas grandes áreas de domínio aéreo. O raio e alcance da *área de domínio aéreo soviético* cobre toda a Eurásia, quase toda a África e a América do Norte até o sul do México. O raio e alcance da *área de domínio aéreo estadunidense* cobre todas as Américas, parte setentrional da África, Europa e quase toda a Ásia, com exceção das penínsulas meridionais.

Estas duas grandes áreas se cruzam e interferem no que Seversky denominou de *área de decisão*, a qual cobre toda a América do Norte até o sul do México, o norte da África, toda a Europa e Ásia, menos as penínsulas do sul.

Seversky observa que o Mediterrâneo Ártico é o centro da *área de decisão* e que o estreito de Bering ocupa uma posição crítica.

Dentro da *área de decisão* encontram-se os *heartlands* industriais dos Estados Unidos e da União Soviética. Por isso, é vital para os Estados Unidos a

manutenção da supremacia aérea na referida área.

A visão global de Seversky modifica o conceito de defesa do Hemisfério Ocidental, cujo principal eixo passa a ser norte-sul ao invés de leste-oeste, como ocorreu nas duas guerras mundiais.

Admite que, na eventualidade de uma nova guerra mundial, o Hemisfério Americano será estrategicamente dividido em três faixas:

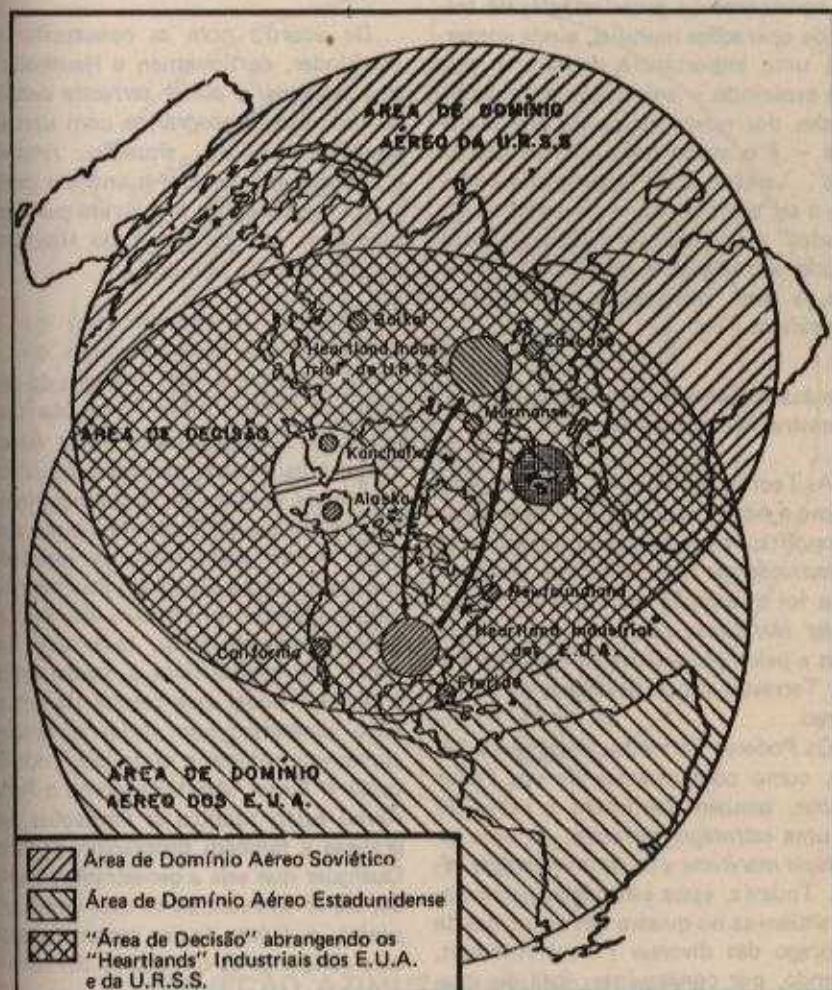
A *primeira*, compreendendo, em princípio, o Alasca, o Canadá e a Terra Nova, será a *faixa de desenvolvimento das operações*, partindo da qual a Força Aérea Estratégica dos Estados Unidos levará a guerra ao coração do inimigo.

A *segunda*, compreendendo o Território dos Estados Unidos, será a *faixa industrial* que produzirá os meios para fazer a guerra. Constituirá um dos primeiros objetivos do ataque inimigo necessitando, por conseguinte, da maior concentração possível de meios de defesa.

A *terceira*, compreendendo toda a América Central e do Sul, será a *faixa dos suprimentos*, reservatório vital de alimentos e materiais estratégicos. Esta é a *área livre*, fechada ao ataque inimigo. Deve ser preparada para apoiar o esforço nas duas outras faixas.

A concepção de Seversky está baseada no emprego do B-36 com seu raio de ação de 5.000 milhas. Na década de 60, graças ao domínio da tecnologia dos satélites artificiais e das naves espaciais, o Poder Aéreo transformou-se em Poder Aeroespacial. Abrange toda capacidade aeronáutica e espacial de um país e tem como finalidade o controle e a utilização do espaço com propósitos definidos.

O Contra-Almirante Lepotier, referindo-se a certas impressões sobre a pos-



TEORIA DE SEVERSKY

sibilidade de "superação das limitações impostas pelo terreno", em face dos superbombardeiros de longo alcance e dos superengenhos, pondera que "os fatores constantes da geoestratégia, no teatro de operações mundial, ainda conservam uma importância decisiva; o que está evoluindo — em função das possibilidades dos novos meios de que dispomos — é o modo pelo qual os utilizamos". Lembra que "a geografia continua a ser a subestrutura de todas as atividades" e salienta que a Aviação considerada estratégica é, entre todas as armas, a mais dependente dos recursos geográficos.

Conclusões Sobre as Teorias dos Poderes Terrestre, Marítimo e Aéreo

As Teorias dos Poderes Terrestre, Marítimo e Aéreo só constituem assunto de Geopolítica quando tratam dos aspectos *geoestratégicos* dos referidos poderes. Essa foi a aceção dada por Mahan ao Poder Marítimo; por Mackinder, Spykman e pelos geopolíticos alemães ao Poder Terrestre e por Seversky, ao Poder Aéreo.

Os Poderes Terrestre, Marítimo e Aéreo, como componentes de um Poder Militar, também permitem o exercício de uma *estratégia terrestre*, de uma *estratégia marítima* e de uma *estratégia aérea*. Todavia, essas estratégias particulares situam-se no quadro das doutrinas de emprego das diversas Forças Armadas, estando, por conseguinte, fora do quadro da Geopolítica.

Por outro lado, embora essas três formas de Poder sejam aparentemente semelhantes, divergindo apenas no local de sua aplicação (o Poder Aéreo, no ar; o Poder Marítimo, no mar e o Poder Terrestre, sobre a terra), os geopolíticos

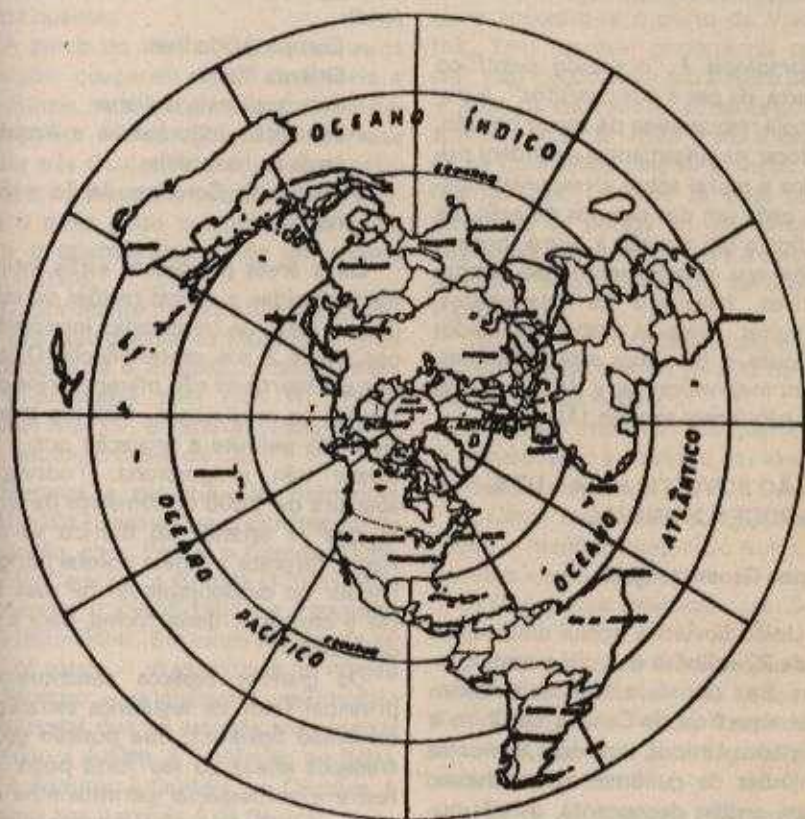
que estudaram a *Teoria do Poder Terrestre* não tiveram como propósito tratar do exercício de um poder militar sobre a terra.

De acordo com as concepções de Mackinder, de Spykman e Haushofer e seus adeptos, o *poder terrestre* decorre de um *espaço geográfico* com suas dimensões, posição, situação, recursos econômicos, potencial humano e poder militar — tal como é sugerido por Mackinder na célebre teoria do *Heartland* ou "Coração do Mundo".

Portanto, o entendimento que os geopolíticos e geoestrategistas têm de *Poder Terrestre* é bem diferente do conceito de Mahan sobre Poder Marítimo ou do de Seversky sobre Poder Aéreo. Embora as diversas teorias geopolíticas tratem de Política de Segurança Nacional, as teorias do Poder Marítimo e do Poder Aéreo pretendem, em realidade, o exercício e a supremacia do Poder Nacional quando empregado no mar ou quando aplicado do ar. Já o Poder Terrestre dos geopolíticos é, como vimos, o próprio poder que resulta de um espaço geográfico com todos os seus recursos em homens e materiais. Todavia, tanto o Poder Marítimo como o Poder Aéreo estão sujeitos às limitações geográficas e também promanam da terra. Qualquer que seja a geoestratégia adotada, ela só terá sentido se tiver como propósito: *a defesa de um espaço terrestre ou a conquista de um espaço terrestre*.

ASPECTOS POLEMOLÓGICOS

Ao término da 2ª Guerra Mundial, a União Soviética estava de posse do *Heartland*. Ainda neste século poderá controlar o mundo. Para facilitar a com-



**PROJEÇÃO AZIMUTAL EQUIDISTANTE
COM CENTRO NO POLO NORTE**

preensão dos fatores determinantes do atual Poder soviético, examinaremos alguns aspectos histológicos e políticos da evolução da Rússia à luz da polemologia.

Polemologia é "o estudo científico da guerra, da paz e dos conflitos". A polemologia resguarda-se de tomar partido, de colocar os julgamentos de ordem psicológica e moral sobre a responsabilidade de cada um dos campos de ação, de dar culpa a um e razão a outro, porque ela sabe que os argumentos são sempre subjetivos, falaciosos ou interessados; que muitas vezes as responsabilidades longínquas e próximas *estão divididas, algumas inegavelmente; e, enfim, que as razões não fazem sentido.* (4)

A UNIÃO SOVIÉTICA E A LUTA PELO PODER MUNDIAL

Aspectos Geoestratégicos

A União Soviética possui uma superfície de 22 milhões de quilômetros quadrados. Seu território tem mais do dobro da superfície do Canadá, da China e dos Estados Unidos, que, com menos de 10 milhões de quilômetros quadrados, são, em ordem decrescente, os três outros países mais extensos da Terra.

O território da União Soviética constitui o *heartland* da Eurásia. Por suas condições geoestratégicas pode ser considerado uma verdadeira fortaleza mundial.

A parte setentrional do território soviético está protegida pelo Oceano Ártico, aberto à navegação apenas uma vez por ano, através do mar Branco.

(4) Gaston Bouthoul e René Carrère, *in O Desafio da Guerra*.

A URSS ocupa vantajosa posição central com relação à China e às cinco grandes zonas peninsulares e insulares das regiões periféricas da Eurásia (*rimland*):

- Europa Ocidental
- Oriente Médio
- Subcontinente Indiano
- Península Indochinesa e Arquipélagos da Indonésia
- Península Coreana, Japão e Formosa.

Estas áreas periféricas estão intimamente ligadas a outras regiões do mundo por meio de transportes interoceânicos, vitais à sua sobrevivência. O interior do *heartland* não oferece sérios obstáculos ao movimento. Mas sua grande extensão permite a proteção que a natureza não proporciona. Todavia, a abertura de 1.500 quilômetros de largura que se estende do Báltico ao mar Negro favorece a defesa porque obriga o invasor ao desdobramento de suas forças e concorre, dessa forma, para a sua destruição.

Os grandes espaços constituem o principal fator de segurança estratégica da União Soviética. Sua posição geoestratégica aliada ao seu forte poder terrestre e aeroespacial permitem-lhe que exerça pressões e, até mesmo, o controle das regiões periféricas (*rimland*) do Velho Mundo. Haushofer observa que o Estado, com o domínio da massa continental, pode destruir as bases do poder marítimo existentes na periferia desse território.

Expansão da Rússia

Duas grandes motivações concorreram para a expansão territorial da Rússia. A primeira, resultou da necessidade de melhorar as condições de segurança

do país contra as invasões de aguerri-dos vizinhos. A segunda, foi constituída pela grande aspiração de acesso ao mar, particularmente aos oceanos de águas quentes.

A partir do século XII, os cavaleiros mongóis ocuparam o sul da Sibéria e da Rússia estabelecendo um reino denominado Horda Dourada. Durante quase três séculos de dominação, os tártaros exerceram profunda influência sobre o povo russo e lançaram as bases para o estabelecimento de um regime autocrático.

O movimento russo de libertação partiu dos grão-duques de Moscou. A ação expansionista é iniciada com Ivan Kalita e prossegue com Ivan III (1462-1505); Ivan IV, o Terrível (1533-1584), que adotou o título de Czar.

Durante a dinastia dos Romanovs (1613-1917) prossegue o movimento de expansão, com: Pedro, o Grande (1689-1725); Catarina, a Grande (1762-1796); Alexandre II (1855-1881); e Alexandre III (1881-1894). Em cinco séculos de lutas, os russos — irradiando-se do núcleo de Moscou — estabelecem um império continental que se estende aos oceanos Pacífico e Ártico, à Finlândia, ao Báltico, à Polônia, à Criméia, ao Cáucaso, e abrange boa parte da Ásia Central.

A obtenção de saídas comerciais diretas para os mares abertos tem constituído objetivo permanente dos russos, pois o seu comércio exterior é preponderantemente transportável por mar.

Até a época atual, os principais portos e bases navais soviéticos estão em mares fechados, como Murmasnk, no mar de Barents, Arcangel, no mar Branco; Leningrado, Riga e Kaliningrado, no mar Báltico; Odessa e Novorossisk, no mar Negro; Vladivostok, no mar do Japão.

O acesso mais fácil é ao mar Báltico. O segundo em importância é o acesso ao mar Negro, controlado pela Grécia e Turquia. Na ponta da ferrovia transiberiana encontra-se o porto de Vladivostok. Tem razoável importância comercial, mas pouco valor estratégico porque — além de estar muito distante dos centros de poder da URSS — seu acesso pode ser controlado pelo RPC, Japão e Coreia do Sul. Durante as duas guerras mundiais, os portos do mar Branco e Murmansk foram vitais para a economia soviética, mas não podem ser operados o ano todo.

Com a posse do Afeganistão, a União Soviética ficou a cerca de 500 quilômetros do mar da Arábia.

O tráfego marítimo internacional está subordinado à travessia das seguintes regiões estratégicas:

a) *Cinco mares internos*: o do sul da China, o Mediterrâneo, o do Norte, o da Noruega e o do Caribe.

b) *Dois canais interoceânicos*: Suez e Panamá.

c) *Sete pontos críticos de passagem*: os estreitos de Málaca, Sri Lanka (Ceilão), "Chifre" da África, Canal de Moçambique, Cabo da Boa Esperança, Gibraltar e Cabo Horn.

A partir de 1959, a União Soviética, tendo-se transformado em grande potência marítima, assegurou sua presença nessas áreas de importância estratégica.

Pensamento Político

A marca mais duradoura da influência mongólica foi no pensamento político do povo russo. "O Estado Tártaro estava constituído sob o princípio da submissão inquestionável do indivíduo ao grupo, primeiro ao clã e, através deste, ao Estado. O Kan era absoluto e au-

tocrático" (5). Os duques de Moscou, sucessores dos Kans, também consideravam o povo completamente sujeito à sua vontade. As terras, sob o seu domínio, eram propriedade exclusiva do príncipe e utilizadas no interesse do Estado. "A religião (ortodoxa, sob os czares, e marxista-leninista sob os soviéticos) seria utilizada como arma de política exterior para alcançar objetivos nacionais, e também como um instrumento de ordem interna para forjar povos e culturas diversas numa única ideologia". (6)

Graças à influência tártara, surgiu uma sociedade autoritária, altamente centralizada, baseada no capitalismo de Estado e na unidade ideológica.

Para o professor Lewis Tams, "o comunismo substituiu a ortodoxia como pretexto para o intervencionismo e o imperialismo. Internamente, a revolução bolchevista revitalizou o sistema político centralizado e autocrático que havia entrado em decadência sob os últimos Romanovs. O socialismo significa a recaptura, pelo governo, do sistema econômico que havia passado às mãos dos empresários privados. Assim, Nicolai Lenin (1917-1924) e Joseph Stalin (1926-1953) projetam-se como equivalentes atuais de Ivan Kalita e Ivan, o Grande, ao restabelecerem a velha ordem — um sistema totalitário centralizado, de capitalismo estatal, ligado pela unidade ideológica e impelido a expandir-se pelos antigos impulsos herdados das tradições tártaras".

Concluindo suas afirmações, Lewis Tams salienta: "A URSS é uma conti-

nuação da conquista mongólica e uma substituição racional da Horda Dourada". (7)

Nicolas Boer afirma que, "à medida que a expansão imperial se torna a principal força motriz da "Razão de Estado" soviética e a ideologia (que perde crédito e influência real na sociedade soviética) não passa de uma espécie de justificação do imperialismo, as forças armadas e a KGB (portanto o Exército e a polícia secreta) ficam promovidos a parceiros iguais do Partido. A estrutura da sociedade e do Estado soviético, bem como o seu pensamento militar, hoje são cunhados pelo bonapartismo". (8)

Invasões do Ocidente

Arnold Toynbee, analisando as relações russo-ocidentais, declara: "No século XVII, invasores polacos penetraram, até mesmo, na parte da Rússia que não havia sido conquistada, até então, e somente foram repelidos graças a um supremo esforço russo, enquanto os suecos cortavam o acesso da Rússia ao Báltico, anexando toda a costa oriental até os limites setentrionais dos domínios polacos.

Em 1812, Napoleão repetiu a façanha dos polacos no século XVII; e, do fim do século XIX para o princípio do século XX, os golpes do Ocidente choeram sobre a Rússia, sucessivos e vigorosos. Os alemães, invadindo-a, nos anos 1915-18, se espalharam pela Ucrânia e alcançaram a Transcaucásia.

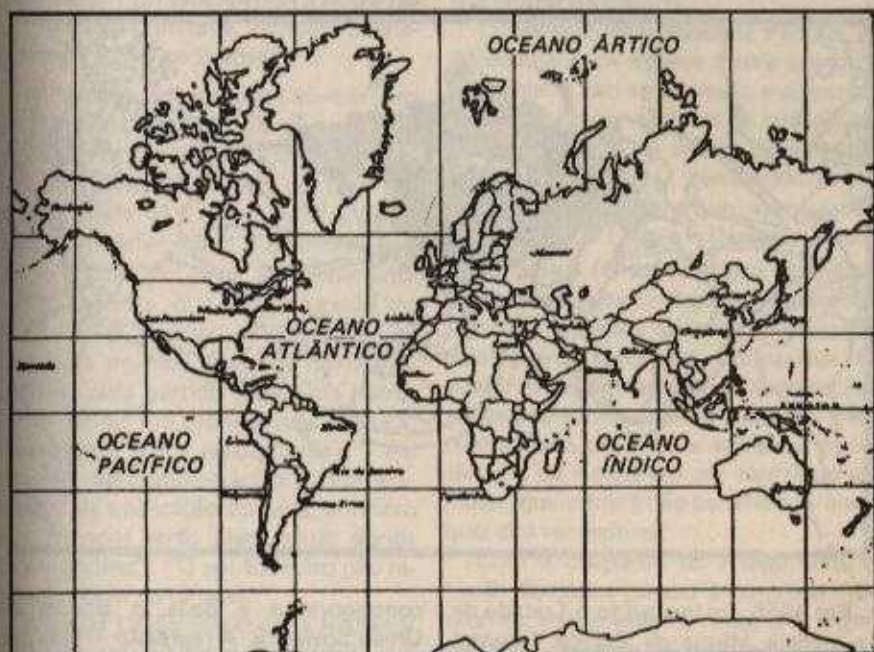
(5) Lewis A. Tams, *In A Influência da Geopolítica na Formulação da Política Internacional e na Estratégia das Grandes Potências*.

(6) *In op. cit.*

(7) *In op. cit.*

(8) Nicolas Boer, *In A Influência do Pensamento Militar na Conduta Política Internacional*.

CARTA EM PROJECÇÃO MERCATOR, CENTRADA NA EUROPA



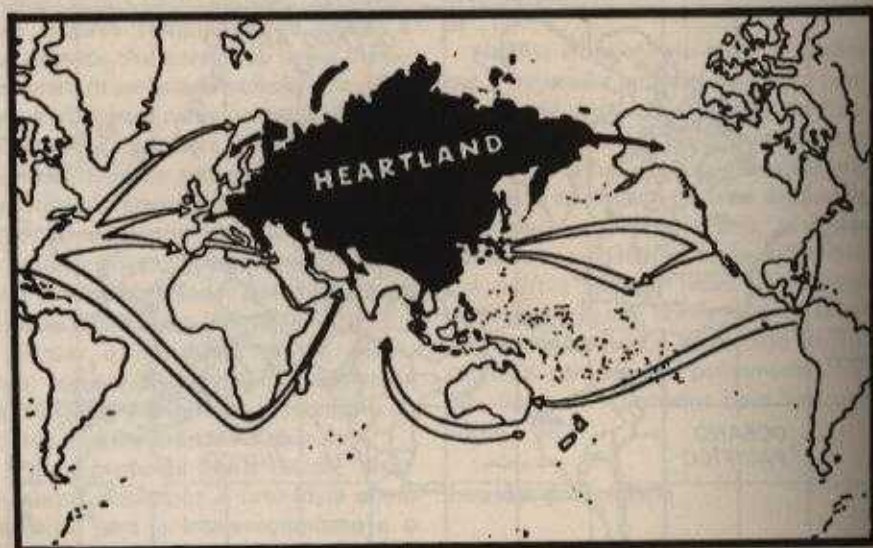
Depois do colapso dos alemães, chegou a vez dos ingleses, franceses, americanos e japoneses invadirem a Rússia, de quatro direções diferentes, nos anos de 1918-20. Em seguida, em 1941, os alemães desencadearam outro ataque, mais terrível e desumano do que nunca. É verdade que, durante os séculos XVIII e XX, os exércitos russos também marcharam e pelejaram em solo do Ocidente, mas sempre o fizeram como aliados de uma potência ocidental contra outra, alguma briga de família. Nos anais das lutas seculares entre as duas cristandades, parece ressaltar o fato de que, na maior parte das vezes, foram os russos as vítimas da agressão e os ocidentais os agressores". (9)

(9) Arnold J. Toynbee, *In A Civilização Posta à Prova*.

Império Soviético

A expansão soviética resultante da 2ª Guerra Mundial abrangeu 500.000 quilômetros quadrados de território. Na Europa, a URSS incorporou parte da Finlândia, as repúblicas da Estônia, Letônia, Lituânia, parte da Alemanha Prússia Oriental) e partes da Polônia, Tcheco-Eslováquia e Romênia. Na Ásia, incorporou parte da Mongólia, e metade da ilha Sacalina e das Curilas. A ação imperialista foi completada com o satelitismo da Hungria (1944); Romênia (1945); Alemanha Oriental (1946); Polônia (1947) e Tcheco-Eslováquia e Bulgária em 1948. Sob o aspecto geoestratégico esses seis países (apelidados de "cortina de ferro") passaram a constituir o "cordão sanitário" da União Soviética.

GEOSTRATÉGIA DE CONTENÇÃO



Em 1955, foi instituído o Tratado de Assistência Mútua da Europa Oriental (Pacto de Varsóvia), com sede em Moscou. Objetivo: fortalecer as relações internacionais da URSS com seus "satélites", bem como desenvolver a capacidade de resistência e defesa mútua, em caso de agressão do Ocidente.

Dois anos antes da criação do Pacto de Varsóvia, a República Democrática Alemã havia sido palco de uma revolta anticomunista. Em 1956, trabalhadores e estudantes de Poznan, na Polônia, promovem uma demonstração de massa contra o regime comunista e o controle soviético. No mesmo ano, surge uma revolta popular na Hungria contra o regime comunista. O movimento tem início em Budapeste e espalha-se pelo resto do país. Um governo de coalizão, chefiado por Imre Nagy, declara a neutralidade da Hungria e retira o país do Pacto de Varsóvia. Janos Kádár estabelece um

contragoverno e pede o auxílio da União Soviética. A repressão — feita por tanques e tropas soviéticas — provoca a fuga para o Ocidente de cerca de 200 mil húngaros.

Em 1968, Alexander Dubcek torna-se primeiro-secretário do Partido Comunista Tcheco. Durante sua administração tenta implantar, no país, um regime socialista independente e liberal. Diante dessas atitudes liberalizantes — consideradas ameaça à integridade do Bloco Soviético — tropas do Pacto de Varsóvia invadem a Tcheco-Eslováquia no dia 20 de agosto de 1968.

Participaram da intervenção forças da URSS, Polônia, Hungria, Bulgária e República Democrática Alemã.

Segundo a Carta de Varsóvia, para evitar que o "imperialismo — por meios pacíficos ou armados, de dentro ou do exterior — efetuasse uma brecha no sistema socialista e, por conseguinte, mu-

dasse o equilíbrio do poder na Europa a seu favor", foi estabelecida a *Doutrina da Soberania Limitada*, também conhecida por "Doutrina Brejnev".

A Romênia foi o único país-membro do Pacto de Varsóvia que se recusou a participar da invasão da Tcheco-Eslováquia, em 1968. Além disso, seu líder político e chefe de Estado, Nicolae Ceausescu, vem defendendo o direito de países do Bloco Socialista, à autodeterminação. Durante o XXV Congresso do PUCS (1976) advogou a "construção de uma nova unidade, baseada no direito que tem cada partido comunista nacional de definir sua própria linha política, estratégica e tática revolucionária". Ao discursar nas comemorações do 60º aniversário da unificação do país, afirmou: "Os romenos serão plenamente donos de seu destino". "O seu Exército não receberá ordens de ninguém".

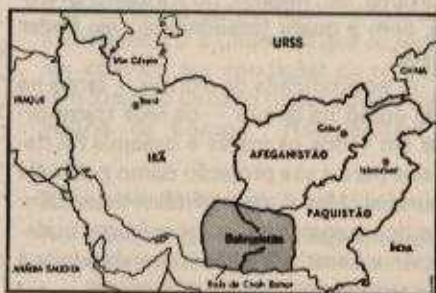
Além da União Soviética, a Romênia é o único país do Pacto de Varsóvia que tem reservas de petróleo. Sua produção de 14 milhões de toneladas anuais tem favorecido seu desenvolvimento industrial. Exporta manufaturados, em geral, equipamentos para a indústria petrolífera e excedentes de petróleo e derivados. Mantém intercâmbio comercial com os países do Bloco Soviético e da Europa Ocidental.

Durante a reunião do Pacto de Varsóvia, realizada em fins de 1978, o presidente Ceausescu recusou-se a aumentar as despesas militares do seu país em detrimento da melhoria de vida do povo. Propôs o estabelecimento de uma área desmilitarizada entre os blocos militares do Leste e do Ocidente. Após a reunião de Budapeste (maio de 1979), os países-membros do Pacto de Varsóvia propuseram à OTAN uma conferência conjunta para dissolver as duas alianças

militares e discutir a redução do potencial militar da Europa.

O governo da República Federal da Alemanha — da mesma forma que o da Romênia — tem-se recusado a aumentar as suas despesas militares. A *ostopolitik* de Willy Brandt — apesar da oposição dos parlamentares conservadores — "abriu caminho para um vasto movimento entre o Leste e o Oeste europeu". Os europeus (tanto do Bloco Ocidental como do Soviético), depois de terem enfrentado situações caóticas provocadas pela guerra (inclusive submetidos às duas formas extremadas de dominação) talvez prefiram colher os frutos de uma *coexistência pacífica*, a enfrentar as incertezas da vitória em um confronto armado, que poderá não beneficiar a qualquer dos vencedores.

Com a ocupação do Afeganistão, a União Soviética passou a controlar (direta ou indiretamente) uma área compacta de cerca de 26 milhões de quilômetros quadrados, guarnecida por uma população que se aproxima dos 400 milhões de habitantes. Considerando o sentido científico da expressão *império*, a União Soviética constitui o único império existente sobre a Terra, pois mantém, sob o seu domínio político, povos de diferentes origens étnicas, de diferentes consciências nacionais, e de diversas



culturas. Com sua vontade obstinada de expansão, os soviéticos vão submetendo novos Estados à sua autoridade direta ou, no mínimo, à sua zona de influência. O imperialismo soviético é a continuação racional do imperialismo grão-russo e, com ele, se confunde.

OS ESTADOS UNIDOS E A HEGEMONIA DO PODER MUNDIAL

Aspectos Geoestratégicos

Os Estados Unidos ocupam, no quadro mundial, vantajosa posição geoestratégica. Seu território (mais de 9 milhões de quilômetros quadrados) estende-se do Atlântico ao Pacífico e, através da península da Flórida — que é prolongada pelas Antilhas —, parece querer abarcar o Caribe que tem sido, historicamente, um verdadeiro lago norte-americano.

Graças à fraqueza relativa de seus vizinhos e à sua posição geoestratégica, o território dos EUA esteve sempre a salvo de agressões alienígenas. A aquisição do Alasca, em 1867, e o estabelecimento de bases em Cuba e Porto Rico completaram a segurança estratégica dos EUA. Por outro lado, com a posse das Filipinas (reconhecida em 1897), os Estados Unidos ficaram em condições de — partindo de vantajosa posição de retaguarda — apoiar ações militares no continente europeu, ou, mesmo, no Extremo Oriente, com a quase totalidade do seu Poder Naval.

A possibilidade de utilizar — tanto na paz como na guerra — os seus transportes em todos os mares e oceanos foi decisiva para a sua projeção como potência mundial. Mas a sua inevitável dependência dos transportes interoceânicos poderá vir a constituir séria vulnerabilidade à sua segurança.

Imperialismo dos Estados Unidos no Caribe

Os interesses econômicos e estratégicos dos Estados Unidos começam a se projetar na área do Caribe, no início do século XX. As intervenções militares foram quase constantes. Na Nicarágua — ocupada de 1909 a 1929 — as bases militares da Baía de Fonseca, as alfândegas e as ferrovias ficam sob o controle dos Estados Unidos. Honduras cede o domínio de suas aduanas. Em Haiti e São Domingos a administração financeira passa a peritos ianques, sendo que, neste último país, o governo nacional é substituído durante quatro anos por um governo militar sob a direção da marinha americana. Durante os anos de ocupação militar afluem capitais americanos para a aquisição de propriedades. Em Cuba, as companhias açucareiras possuem, em 1930, a quinta parte da ilha. No continente estende-se o domínio da *United Fruit Co.* Diretamente e através de suas filiais domina 3 milhões de hectares de plantação (uma área mais extensa que a Bélgica). (10)

Os Estados Unidos e a 2ª Guerra Mundial

Das grandes potências que participaram da 2ª Guerra Mundial, somente os Estados Unidos tiveram o seu território a salvo de destruições causadas por bombardeios ou invasões de adversários. Esta vantagem estratégica concorreu para que, durante a guerra, os EUA se transformassem no "arsenal da democracia" e pudessem, graças à sua supremacia

(10) Maurice Crouzet, in *História Geral das Civilizações* — (VII — A Época Contemporânea, vol. 3).

aérea e naval, apoiar, com segurança, as ações dos Aliados nas mais remotas frentes de combate. Esse apoio logístico foi decisivo para a vitória final sobre as potências do "Eixo".

Todavia, os êxitos militares sobre a Alemanha e Japão não significaram vitórias estratégicas para o Ocidente. Tal fato resultou de algumas decisões adotadas pela liderança dos EUA, decisões estas que se transformaram em irremediáveis erros estratégicos, pois comprometeram o equilíbrio de poder na Europa, favoravelmente à União Soviética, e permitiram que esta alcançasse vantajosa situação estratégica no Extremo Oriente.

O primeiro grande erro foi constituído pela *rendição incondicional*. Para os alemães significou "resistência incondicional". Essa decisão dos Aliados "ao invés de intimidar os alemães para uma pronta rendição proporcionou, à propaganda nazista, o melhor argumento para uma última resistência". Foi praticamente impedida a paz em separado, vantajosa para o Ocidente.

Liddell Hart, em entrevista com generais alemães depois da guerra, comprovou que "se não fosse a política de rendição incondicional eles e suas tropas teriam se rendido antes, separada ou coletivamente". Com a *rendição incondicional*, observa Liddell, foi quebrado o equilíbrio europeu". (11)

Dois grandes erros estratégicos concorreram para a *perda da Europa Oriental*. O primeiro refere-se à escolha da região para a invasão do continente. Churchill defendia a invasão pelo "baixo ventre" (Grécia e Balcãs) para "fazer a junção com o Exército Vermelho na Europa central e assegurar a influência britâ-

nica o mais a oriente possível". (12) A invasão pela Normandia foi decidida, em Teerã, contando com o entusiasmo de Roosevelt, o apoio de Stalin e o protesto de Churchill.

O fato de os chefes militares dos Estados Unidos preocuparem-se exclusivamente com o aspecto militar das operações, favoreceu a dominação soviética no Leste europeu. Dezoito dias antes de o Exército Vermelho conquistar Berlim, as unidades do IX Exército americano transpuseram o Elba e pararam o movimento ofensivo. Segundo o General Bradley uma rotura, a partir do Elba, para conquistar Berlim custaria 100.000 baixas. "Um preço muito alto para um objetivo que traz apenas prestígio". E confessa: "Não pude ver nenhuma vantagem política decorrente da conquista de Berlim que conseguisse anular a necessidade da rápida destruição do Exército alemão no nosso setor. Como soldados, olhávamos, ingenuamente, para esta tendência inglesa (o desejo de chegar a Berlim) de complicar a guerra com providências políticas e objetivos não militares". (13)

O último grande erro estratégico resultou da *participação da URSS na guerra contra o Japão*. Durante a reunião de Ialta (fevereiro de 1945) foi solicitada a participação da URSS na guerra contra o Japão. "Os chefes de estado-maior — cometendo grosseiro erro de avaliação das possibilidades do inimigo — informaram a Roosevelt e a Churchill que os japoneses estavam em condições de se manterem lutando dezoito meses após o dia da vitória na Europa". Não levaram em

(12) Hanson W. Baldwin, *in op. cit.*

(13) Diretoria de História Militar do Departamento do Exército dos EUA, *in As Grandes Decisões Estratégicas*.

(11) Hanson W. Baldwin, *in Grandes Errores de la Guerra*.



consideração o fato de a marinha japonesa já estar liquidada no momento em que os dirigentes das três grandes potências reuniram-se em talta.

Segundo o General Deane, os estrategistas dos Estados Unidos "estavam obcecados com duas idéias: convencer a Rússia a intervir na guerra do Pacífico e utilizar seu território como base para a ação bélica contra o Japão". (14)

As imposições de Stalin para concordar com a participação da URSS na guerra contra o Japão, significaram o estabelecimento da hegemonia soviética no nordeste da Ásia.

"No dia 13 de julho a chancelaria japonesa notificou oficialmente a Moscou que o imperador desejava a paz." "A 8 de agosto, o Embaixador japonês em Moscou, Sato foi informado por Molotov

que "a URSS considerava-se em guerra com o Japão desde aquele momento". (15) No dia 15 de agosto do mesmo ano, o Japão aceita a rendição incondicional.

O Maior Poder Mundial

Ao término da 2ª Guerra Mundial, os Estados Unidos atingem a situação de maior potência de todos os tempos. Seguros da sua "superioridade aérea, econômica, industrial, naval e tecnológica", os norte-americanos — certamente preocupados com a tese de Mackinder e inspirados nas concepções de Spykman — estabelecem uma *geoestratégia de contenção*.

Spykman adotou a visão global de Mackinder atribuindo-lhe, porém, signi-

(14) John R. Deane, in *A Estranha Aliança*.

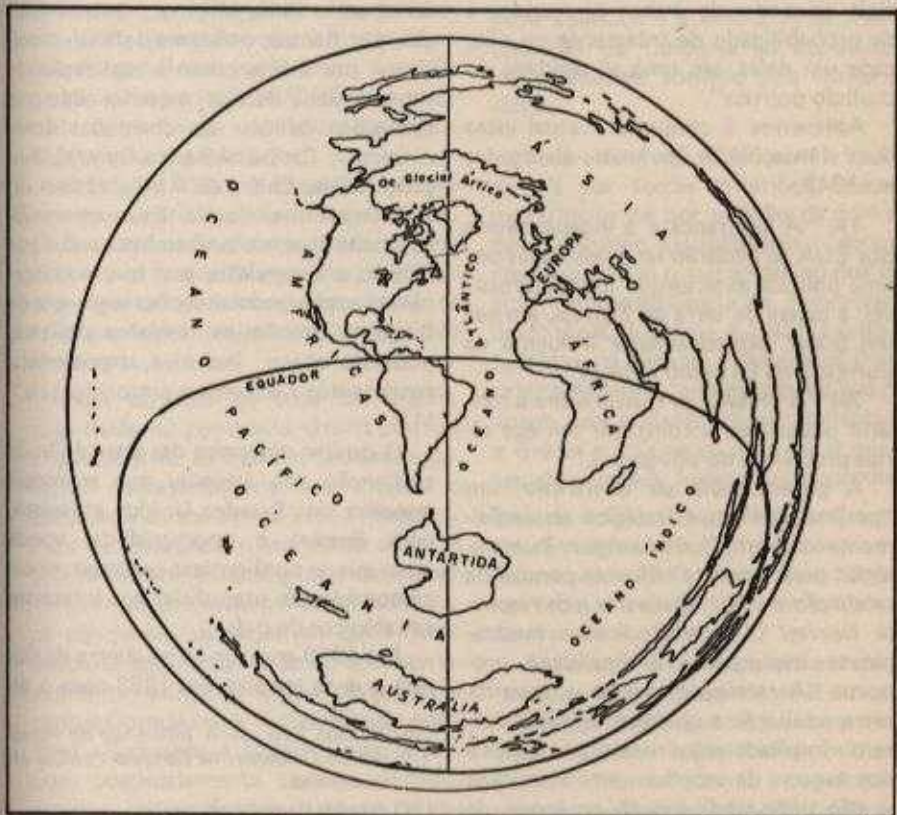
(15) Masuo Kato, in *The Lost War*, cit. p. Hanson & Baldwin, in op. cit.

ficado diferente. Ao *heartland* opôs a *rimland* (região das fimbrias), significando a orla marítima do Velho Mundo que — conforme salienta — parece cercar a ilha constituída pelo Novo Mundo.

A *rimland* é a "vasta região de conflitos entre o poder marítimo e o poder continental" e a "sua natureza anfíbia serve de base aos problemas de segurança". Afirma que "quem controlar a *rimland* dominará a Eurásia"; "quem dominar a Eurásia controlará os destinos do mundo".

Para Spykman, "somente mirando os mapas das diversas posições possíveis obteremos o panorama geopolítico que

se deduz da distribuição das massas terrestres sobre a superfície do Globo". Observa que em uma *projeção polar* é fácil verificar que as massas continentais estão concentradas no hemisfério norte e se dispersam sob a forma de uma estrela-do-mar, partindo do Pólo Norte como centro, ao Cabo da Boa Esperança, na África; ao Cabo Horn, na América do Sul; e ao Cabo de Leeuwin, na Austrália. As *projeções de Mercator* mostram que tanto o Mundo Antigo como o Novo Mundo possuem costas nos dois oceanos, podendo, portanto, dizer-se que, "sob o ponto de vista geográfico, um rodeia o outro".



Com base nessas considerações, conclui: "O Novo Mundo poderia influir na política da Europa e da Ásia, se fosse capaz de organizar-se e unir-se de tal sorte que grandes massas de força não compensada ficassem disponíveis para atuar além dos oceanos, as quais poderiam exercer papel decisivo no Antigo Continente e determinar sua política, se este continuasse dividido e equilibrado. Mas se, pelo contrário, o Mundo Antigo lograsse unir-se, de maneira que grandes massas de poder não compensado quedassem disponíveis para atuar além oceanos, o Novo Mundo ficaria cercado". E conclui: "a possibilidade de cercar ou ser cercado depende dos potenciais do poder de ambos os mundos e da probabilidade de integrar-se ou não, cada um deles, em uma só unidade ou coalisão política".

Aplicam-se à conjuntura atual estas duas afirmações de Spykman, divulgadas em 1942:

1ª) "A segurança e a independência dos EUA só poderão ser preservadas por uma política exterior que torne impossível, à massa de terra da Eurásia, abrigar um poder excessivamente influente na Europa e no Extremo Oriente".

2ª) "A pressão da Rússia sobre a *rimland* poderia vir a constituir um dos sérios problemas do pós-guerra."

A *geoestratégia de contenção*, um "projeto político-estratégico essencialmente defensivo" deu origem às estratégias propriamente militares como a da *retaliação maciça* (Dulles) e a da *resposta flexível* (Kennedy). Ambas mostraram-se inadequadas à finalidade proposta. "A *retaliação maciça* — quer dizer a retaliação a qualquer agressão russa ou inspirada pelos russos, por meios e nos lugares da escolha norte-americana — não tinha credibilidade, na época, da

supremacia militar dos Estados Unidos porque ninguém acreditava que Washington respondesse a qualquer agressão, sobretudo regional e periférica, com toda a sua força; e, ainda, menor credibilidade pode ter agora, quando a superpotência democrática já perdeu esta superioridade." (16)

"A estratégia da *resposta flexível* sugere resistência proporcional à agressão, em qualquer ponto do Globo. A grande falha do pensamento estratégico dos Estados Unidos era que os seus planejadores militares esperaram um ataque russo, direto e frontal, contra a Europa ou o território norte-americano, enquanto os soviéticos, imitando os alemães que contornaram a linha Maginot, tentam solapar, por dentro, o sistema defensivo ocidental por meios como a realização da superioridade nuclear, e contorná-lo por operações bélicas nas chamadas *áreas cinzentas*: Caribe, América Central, Angola, Etiópia, Chifre da África, Iêmen do Sul, Indochina, Coreia. Estas operações, os russos as executam, embora sob a sua direção e supervisão, por forças mercenárias, explorando situações regionais de fraqueza econômica, social e política, podendo apelar, inclusive, a poderosos sentimentos nacionais e antiocidentais." (17)

O caráter defensivo das estratégias de contenção não impediu que as forças armadas dos Estados Unidos atuassem, com firmeza e oportunidade, aonde quer que se configurasse qualquer ameaça considerada prejudicial aos interesses estratégicos do país.

Em 1950 engajam-se na guerra da Coreia que só termina em 1953 com o ar-

(16) Nicolas Boer, in *A Influência do Pensamento Ocidental na Conduta Política Internacional*.

(17) Nicolas Boer, in op. cit.

mistício de Panmunjon. Dois anos depois (1955) realizam intervenção armada no Líbano. No ano de 1961 apóiam a fracassada tentativa de invasão de Cuba, na Baía dos Porcos. No mesmo ano comprometem-se na luta do Vietnã, com o envio de assessores militares para combater o comunismo. Com a criação do Comando Militar norte-americano no Vietnã do Sul, em 1962, engajam-se na guerra que só termina em 1973 com a assinatura do acordo de Paris. Em 1962 mobilizam suas forças armadas e dispõem-se ao confronto direto com os soviéticos para impedir a instalação de mísseis nucleares em Cuba. Voltam a atuar na região do Caribe intervindo, militarmente, na República Dominicana, em 1965, para evitar que as forças de esquerda pró-Bosch assumissem o poder no país. No período 1970/1973, participam, juntamente com sul-vietnamitas, das invasões do Camboja.

O esforço bélico e o sacrifício do povo norte-americano não conseguiram impedir a expansão do comunismo, salvo em poucas frentes que, talvez, representem apenas paradas momentâneas na ação expansionista, como Coreia e São Domingos.

Com exceção da crise de mísseis, cujo desfecho constituiu vitória política e militar para os Estados Unidos, o governo norte-americano tem evitado o confronto direto com a União Soviética. Para os soviéticos, o confronto direto é inconveniente, pois exigiria excessivo esforço (humano, bélico e econômico) para conquistar os objetivos que — com absoluta segurança — vão sendo, inevitavelmente, atingidos graças às garantias proporcionadas pela "coexistência pacífica". Enquanto a União Soviética procura obstinadamente isolar os Estados Unidos, estes têm-se esgotado, numa

inadequada tentativa de contenção do movimento comunista, atribuindo ao mesmo uma unidade que não existe e favorecendo o crescimento do seu verdadeiro adversário.

TERCEIRA GUERRA MUNDIAL

Objetivo da URSS: Subjugar — não destruir — os países capitalistas industrializados para estabelecer o controle dos seus bens pela União Soviética.

Período de Guerra Fria

Guerra Fria foi o período de tensão internacional existente entre a comunidade atlântica e a URSS, resultante da oposição do Ocidente ao expansionismo comunista apoiado pela União Soviética.

Teve início, em 1946, com a invasão do Irã por forças soviéticas, retiradas posteriormente por pressão da comunidade atlântica. Os soviéticos — após terem assegurado o seu acesso ao mar Báltico, em consequência da incorporação da Estônia, Lituânia e Letônia e do satelitismo da Polónia e República Democrática Alemã — tentam garantir sua passagem para o Mediterrâneo, controlando a Grécia e a Turquia. Para evitar que esses dois países fossem incorporados à área de influência soviética, o Governo dos Estados Unidos estabeleceu — a 12 de março de 1947 — a célebre "Doutrina Truman" com o propósito de conter o comunismo.

Seguro da sua supremacia estratégica (baseada no poder aeroespacial e no monopólio da bomba atômica) e contando com expressiva superioridade militar, o Bloco Ocidental adotou a *geoestratégia de contenção* com a finalidade de esta-

belecer, no continente eurasiático, um eficiente cerco estratégico da URSS, satélites e RPC.

A *rimland* (região das fímbrias) do continente asiático foi coberta por uma série de bases militares constituindo uma espécie de "linha maginot" de amplitude continental.

Opondo-se aos satélites de Moscou da Europa Oriental, foram dispostas as forças da OTAN. A cobertura setentrional era constituída pelo Ártico.

As reservas estratégicas (compostas por forças do poder aeroespacial, forças do poder naval e tropas de desembarque) estavam em condições de atuar, em prazo muito curto, para recuperar pontos estratégicos da *rimland*, eventualmente conquistados pelos comunistas.

A produção da bomba atômica pelos soviéticos — em 1949 — e, logo depois, a de hidrogênio, iria comprometer a supremacia estratégica dos Estados Unidos. Em 1959 a situação estratégica começou a favorecer os soviéticos. Cuba, em 1961, aderiu ao marxismo-leninismo. A insurreição no Sudeste Asiático agravou-se. A URSS aumentou sua capacidade de ICBM e acelerou a construção naval.

O ajustamento às novas situações decorrentes do crescente fortalecimento do poder militar soviético foi tentado com a adoção de novas estratégias: retaliação, resposta flexível, liberação, retaliação maciça, retaliação limitada, dissuasão, contraforça e dissuasão limitada.

Todas essas estratégias tinham caráter defensivo e não impediram que os comunistas (tais como os nazistas no início da 2ª Guerra Mundial) desbordassem a "maginot" do Ocidente e prosseguissem no seu movimento expansionista com as *guerras de libertação*. Por outro lado, os comunistas atuavam em

"áreas não comunistas" sem que, em contraposição, o Bloco Ocidental se atribuisse o mesmo direito relativamente às áreas situadas por trás da "cortina de ferro". Era a garantia da expansão do comunismo internacional".

A partir de 1973 modificaram-se as relações entre os Estados Unidos e a União Soviética. Foram estabelecidos tratados e acordos (proibindo testes nucleares, limitando a produção de vetores para lançamento de bombas nucleares, etc.) visando a eliminar o *equilíbrio do terror* como peça central da política exterior das duas grandes potências.

Concorreram para a distensão — do lado soviético — o conflito com a RPC e o surgimento de dissidências internas resultantes do descontentamento de intelectuais e artistas com o regime soviético. Do lado estadunidense, foram fatores de distensão o término da guerra do Vietnã e a crise interna iniciada com os protestos dos estudantes por causa da participação dos EUA na guerra do Vietnã.

Período de "détente"

Détente significa afrouxamento das tensões políticas entre as nações. Após a guerra do Vietnã (1973), os líderes dos Estados Unidos e da União Soviética anunciaram um período de "détente". Segundo o Professor Charles Burton Marchal, um dos criadores do "Comitê Sobre Ameaça Presente", a expressão *détente* tem significados diferentes para os dois países. "Para os Estados Unidos significa competir e cooperar, mas para os soviéticos representa a eliminação dos obstáculos para a realização de seus objetivos finais, e não força a URSS a um comportamento *civilizado*".

De fato, para os soviéticos, "a 'coexistência pacífica', que constitui a linha geral da política exterior da União Soviética e de outros países socialistas, não quer dizer uma ausência de guerra, no tempo, ou um alívio entre dois conflitos" (I. Glagolev e V. Larionov).

Durante o período de *détente* (iniciado em 1974, e interrompido com a invasão do Afeganistão, no Natal de 1979), a União Soviética apoiou, direta ou indiretamente, movimentos comunistas nos seguintes países:

1975 – Vietnã do Sul, Moçambique e Angola;

1976 – Egito e Iraque;

1977 – Sudão, Etiópia e Somália;

1979 – Camboja, Laos e Afeganistão, no qual houve o engajamento direto de tropas soviéticas no valor de 100.000 homens.

O Presidente da União Soviética, Leonid Brejnev, pretendendo justificar a invasão do Afeganistão, afirmou: "Evidentemente que não houve nem há uma *intervenção* nem *agressão* soviética. O que há é que nós ajudamos o Afeganistão novo, a pedido do seu governo, a defender a independência nacional, a liberdade e a honra do país dos atentados agressivos militares a partir do exterior. São também inteiramente falsas as afirmações de que a União Soviética nutre determinados planos expansionistas em

relação ao Paquistão, Irã ou outros países da Região".

No dia 21 de fevereiro de 1980, o Primeiro-Ministro Alexei Kossiguin declarou que a União Soviética lutará para a distensão por meios políticos, "porque a alternativa pode ser a loucura, a ameaça de uma guerra nuclear total".

Evidentemente, os soviéticos não desejam perder a garantia proporcionada pela *détente* à sua ação imperialista!

Período de Confrontação Limitada

A iniciativa continuará com a URSS.

Objetivo da União Soviética: estabelecer o estrangulamento econômico das potências capitalistas.

Para Liddell Hart, a "*finalidade da manobra estratégica* não é tanto a realização da batalha, mas, sim, procurar conseguir uma situação estratégica tão vantajosa que, caso esta não provoque por si só a decisão, esta será seguramente obtida por sua continuação através de uma batalha. Portanto, o objetivo estratégico deve visar, precipuamente, o *desequilíbrio estratégico do adversário*".

Presentemente, a sobrevivência das potências capitalistas está na dependência do petróleo do Oriente Médio; do petróleo da região do Caribe (México e Venezuela); e dos transportes marítimos que levam essa matéria-prima aos países

O Coronel R/1 de Artilharia Octavio Tosta foi instrutor, Subcomandante e Subdiretor de Ensino da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Além dos cursos normais necessários à formação do oficial de Estado-Maior, possui o de Técnica de Ensino e da Escola Superior de Guerra. É professor licenciado de Geografia e História e autor de vários trabalhos no campo de Geopolítica. Exerce atualmente as funções de membro da Divisão de Segurança e Informações da Secretaria de Planejamento da Presidência da República.



industrializados não-comunistas. Por conseguinte, se a União Soviética controlar as duas áreas estratégicas (Oriente Médio e Caribe) e interceptar as rotas marítimas do petróleo, os Estados Unidos, o Japão, a Europa Ocidental e outros países industrializados não-comunistas poderão ficar asfixiados economicamente.

Área Estratégica do Oriente Médio

A Arábia Saudita e o Irã são os mais ricos impérios petrolíferos do Oriente Médio. Dois terços das reservas disponíveis para o mundo industrial estão localizadas no Golfo Pérsico. A produção dos países do Golfo atende às necessidades dos membros da OTAN, do Japão, da Austrália, da Nova Zelândia e grande parte do consumo dos Estados Unidos e do Brasil.

O petróleo do Golfo Pérsico também é vital para a União Soviética. Relatório da CIA, de 1977, ressalta que, "a produção petrolífera soviética atingirá o seu ápice em 1980, à razão de 11 a 12 milhões de barris diários. Como a demanda por petróleo continuará em ascensão, a fim de suportar os objetivos do crescimento econômico do Bloco Soviético, a URSS poderá vir a importar cerca de 3,5 a 4,5 milhões de barris diários de petróleo".

Para o economista soviético L. Zevin, em 1985 a URSS necessitará importar, anualmente, do Oriente Médio de 60 a 90 milhões de toneladas de petróleo e 40 a 50 bilhões de metros cúbicos de gás".

O controle do petróleo do Golfo Pérsico pela União Soviética significará:

- 1) o Bloco Soviético disporá de excelentes reservas para o seu consumo;
- 2) o fornecimento do petróleo aos

soviéticos não ficará mais na dependência de flutuações do preço;

3) o fornecimento do petróleo aos países não-comunistas poderá ficar condicionado a sérias exigências e, até mesmo, ser suspenso;

4) caso o seu consumo fique restrito ao Bloco Comunista, as reservas petrolíferas terão maior duração e, portanto, maior importância estratégica.

Os seguintes acontecimentos revelam que a União Soviética está completando uma ampla manobra geoestratégica com o propósito de assegurar o controle do petróleo do Golfo Pérsico:

1º) Tentativa, por meio do PC local, de derrubar o regime baathista do Iraque, bem como estímulo à insurreição por meio de movimentos marxistas revolucionários, de Frentes Nacionais e de guerrilhas.

2º) Conquista do Afeganistão que, por estar situado a menos de 500 quilômetros do Golfo de Omã, constituirá excelente plataforma para aplicação do Poder Aeroespacial soviético na estratégica região Golfo Pérsico-Golfo de Omã.

3º) Estabelecimento de uma base aeronaval no Iêmen do Sul que permitirá o controle do acesso ao Mar Vermelho e o domínio aéreo da Arábia Saudita.

4º) O esforço da União Soviética no sentido de assegurar a sua permanência naval nessa região estratégica.

Examinemos os seguintes fatos:

1º) Segundo informações de fevereiro de 1980, do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, a Marinha de Guerra soviética dispõe, agora, na área do oceano Índico, de 31 navios contra 20 norte-americanos, sendo que a maioria está no mar da Arábia, próxima da região do Golfo Pérsico.

29) Drew Middleton, em artigo, de dezembro de 1979, publicado no *New York Times* informa que:

— Estão sendo construídos nos estaleiros de Leningrado, no mar Báltico, pelo menos dois cruzadores de 32 mil toneladas, propélidos a energia nuclear. As belonaves serão equipadas com canhões de 7,3 polegadas e foguetes terra-terra e terra-ar modelo SS-N-4. Estas são, com exceção dos porta-aviões, as maiores embarcações de combate de superfície construídas por qualquer potência naval, no decorrer dos últimos 20 anos. Presume-se que sejam construídos quatro desses navios.

— Estão sendo construídos no estaleiro Zhdanov, em Leningrado, três cruzadores da classe Kirov. Seu armamento principal será constituído por canhões mas, também, serão dotados de foguetes terra-terra e terra-ar.

30) De acordo com a conceituada publicação inglesa *Jane's Fighting Ships*:

— O "Sovetsky Soyuz", batizado em dezembro de 1977, deverá entrar em atividade em 1980;

— está sendo completada a armação do "Berezina", navio de apoio logístico de 40 mil toneladas (o primeiro de sua classe); e do "Ivan Rogov", navio de desembarque e assalto;

— a Infantaria Naval Russa (correspondente a fuzileiros navais) está sendo ampliada;

— entraram em atividade dois novos porta-aviões da Marinha soviética: o "Kiew" e o "Minsk". Outros dois, o "Kharkov" e o "Novorossisk" deverão ficar em condições de operar em 1980 e 1983, respectivamente;

— especialistas navais admitem que o "próximo passo no contexto da expansão da Marinha soviética consistirá na construção de um porta-aviões de

ataque de 60 mil toneladas, a ser seguida, provavelmente, da construção de outros três.

A execução de um programa de construção naval exige muito tempo. Se considerarmos as dificuldades dos Estados Unidos para fortalecerem substancialmente, na conjuntura atual, o seu aparato bélico e, se observamos que a União Soviética continuará ampliando o seu Poder Naval, é justo concluir-se que os soviéticos já atingiram a supremacia naval ou estão na iminência de concretizá-la.

Ray S. Cline, com sua autoridade de ex-Vice-Diretor de Informações da CIA, afirma:

"Exige-se uma visão clara do mundo e uma estratégia coerente e cooperativa, se quisermos frustrar o plano comunista de obter uma 'vantagem irreversível na correlação de forças', isto é, uma mudança decisiva no equilíbrio mundial do poder." (18)

Acesso ao Mar da Arábia

A região situada entre o Afeganistão e o mar da Arábia constituiu, no passado, o Baluquistão. O país é ocupado por uma minoria étnica — os balúquis — que lutam para reconquistar sua independência, perdida em 1877, após ocupação britânica. Com a independência da Índia, em 1947, a parte oriental do Baluquistão foi anexada ao Paquistão, enquanto a sua porção ocidental passou a pertencer ao Irã.

(18) Ray S. Cline, in *Avaliação do Poder Mundial*. O autor exerce o cargo de diretor executivo de Estudos Estratégicos e Internacionais da Universidade de Georgetown. Já foi diretor da Divisão de Informações e Pesquisa do Departamento de Estado (função equivalente à de secretário de Estado assistente).

O Baluquistão é a província mais atrasada da região, mas tem reservas de carvão, gás natural, manganês, cobre, bauxita, minério de ferro e outros minerais. O gás natural encontrado, em 1952, em Sui contribui para a produção de cerca de 50% da energia elétrica do país.

Os soviéticos têm favorecido os movimentos de libertação nacional fornecendo armas e dinheiro. Com a ocupação do Afeganistão, o apoio soviético será facilitado porque, parte do grupo étnico balúqui, também vive na região meridional do país.

No litoral do Baluquistão iraniano abre-se a Baía de Chah Bahar na qual foi iniciada, pelo Xá Reza Pahlavi, a construção de uma grande base naval.

Após o controle do Afeganistão, os soviéticos estarão em condições de invadir o Baluquistão para assegurar a autonomia dos balúquis. Com a posse do Baluquistão, a URSS terá concretizado a sua secular aspiração de acesso direto aos mares abertos. O estabelecimento de uma base naval, em Chah Bahar, permitirá ao Poder Naval soviético controlar a saída dos petroleiros do Golfo Pérsico e ameaçar as rotas marítimas que, partindo do Golfo de Omã, vão abastecer de petróleo os Estados Unidos, a Europa, o Japão e os outros países pró-Occidente.

Segundo Helmut Sonnenfeldt, os "soviéticos estimulam os movimentos de libertação nacional no Baluquistão para criar condições propícias a uma invasão". Robert Neumann, ex-Embaixador dos Estados Unidos, em Cabul, identifica, na ação soviética sobre o Afetanistão, "uma tentativa de realizar seu velho sonho de ter acesso a águas quentes".

Aspectos Estratégicos do Caribe

O Caribe é um mar fechado. As Bahamas e Pequenas Antilhas constituem o bordo oriental onde se situam os caminhos naturais e mais fáceis de acesso à área. As Américas do Sul, Central e do Norte completam o enclausuramento do Mediterrâneo Americano. Sua única passagem para o Pacífico é constituída pelo Canal do Panamá.

A parte central da área, é atravessada pelas ilhas de Porto Rico, Hispaniola, Jamaica e Cuba que, juntamente com a península de Iucatã, constituem uma barreira que separa as águas do Golfo do México das do Mar das Antilhas. Somente três canais permitem a transposição dessa barreira: Mona, Barlavento e Iucatã. As passagens de Mona e Iucatã situam-se, respectivamente, a leste e oeste do território cubano, que ocupa privilegiada posição estratégica na área.

A região do Caribe apresenta interesse vital para os Estados Unidos pelas seguintes razões:

1ª) Setenta e cinco por cento de todo o petróleo importado pelos EUA — cerca de 35% do consumo total do país — e 93 dos 95 minerais estratégicos consumidos no país, passam no Mediterrâneo do Novo Mundo.

2ª) O petróleo procedente do Alasca e do Equador passa pelo oleoduto Pacífico-Atlântico em David, na República do Panamá, ou em petroleiros pela Zona do Canal.

3ª) O petróleo da Venezuela e do México — dois dos maiores exportadores mundiais — é escoado pelo Caribe, sendo que o venezuelano chega aos Estados Unidos através dos canais de Mona, Barlavento e Iucatã.

4ª) Embora as principais fontes de petróleo estejam no Oriente Médio, o

Mediterrâneo Americano constitui sua inevitável porta de acesso aos EUA.

Lewis A. Tams adverte que "quem controlar o Caribe pode estrangular os EUA, cortando a linha vital de petróleo".

O Caribe já foi um tranqüilo lago dos Estados Unidos. Agora está se transformando num agitado mar socialista.

A célebre "teoria do dominó" utilizada por alguns estrategistas norte-americanos para caracterizar a ameaça que a expansão do comunismo no Sudeste Asiático constituía para os Estados Unidos, ajusta-se perfeitamente à região do Caribe.

Em 1961, Fidel Castro proclama que Cuba é o primeiro país socialista da América Latina. A partir de 1970, a Guiana passa a adotar o marxismo e estreita suas relações com países de regime comunista. Antigas colônias britânicas das Índias Ocidentais, tais como Granada, Santa Lúcia e Dominica, aderem ao castrismo. Na Nicarágua, a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) — inspirada em Augusto César Sandino, líder contra a intervenção dos Estados Unidos em 1927 — inicia em 1977, a luta armada para derrubar a oligarquia Somoza. Um "Governo de Reconstrução Nacional" (GRN) assume, em 1979, o poder na Nicarágua e inicia a transição para o socialismo. A Guatemala está em processo de subversão. Tanto no Panamá como em El Salvador, os castristas poderão chegar ao poder, sendo que, em El Salvador, a situação já é de guerra civil. Além desses, outros fatores, também, poderão comprometer os interesses vitais dos Estados Unidos na área do Caribe:

— O Panamá pode nacionalizar o Canal que já está sob o seu domínio iminente;

— os soviéticos dispõem, em Cuba, de um contingente de 3.000 combatentes com capacidade de transporte aéreo para levá-los, em pouco tempo, para qualquer ponto do Caribe;

— aviões russos de reconhecimento realizam missões regulares de Cuba a Guiné-Bissau.

Pelas razões abaixo, é difícil prever-se uma reversão de expectativas no atual quadro de crescente oposição aos EUA, na zona do Caribe:

— os comunistas estão fortalecendo a hostilidade aos Estados Unidos com a exploração dos ressentimentos históricos decorrentes da política de opressão de que foram vítimas — no passado — os povos da América Central e do Caribe;

— o antiamericanismo existente na área também resulta da prática — muitas vezes utilizada pelos EUA para preservar seus interesses econômicos e combater o comunismo na área — de apoiar governos corruptos, autocráticos, repressivos e impopulares.

Considerando a inconveniência atual do engajamento militar direto dos EUA, dois processos poderão ser tentados para superar a ameaça:

1º) apoio financeiro maciço para realizar urgentes programas de reforma social;

2º) combate à ação revolucionária por meio de "ações militares por procuração" realizadas por elementos das forças armadas do Brasil, da Venezuela, da Colômbia, e de outros países da América Latina.

Rotas Marítimas do Petróleo

A partir de 1956, o petróleo do Oriente Médio — transportado anteriormente por Suez e pelo mar Mediterrâneo até a Europa Ocidental — passou a

ser conduzido contornando o sul da África. Os superpetroleiros, carregados no Golfo Pérsico, margeiam a parte oriental da península arábica, transpõem as entradas do Golfo de Aden, passam junto ao "Chifre da África" e seguem ao longo da África Oriental percorrendo o Canal de Moçambique. Após contornarem o Cabo da Boa Esperança, deslocam-se para o norte, ao longo da parte ocidental da África, e atravessam as águas de Angola e Guiné-Bissau antes de se dirigirem aos países da OTAN e aos Estados Unidos.

Os petroleiros que vão suprir o Japão, a Austrália e a Nova Zelândia, ao deixarem o Oriente Médio deslocam-se para leste, atravessando os pontos de passagem obrigatória de Sri Lanka (Ceilão) e os estreitos de Málaca.

Em quase todos esses pontos de passagem obrigatória, "portos de escalas hostis substituíram as instalações navais amigas". (19) A presença do poder naval soviético é crescente em regiões que permitem o controle das rotas do petróleo. Em algumas dessas regiões de grande importância estratégica, a permanência do Poder Naval da União Soviética está sendo assegurada pelo estabelecimento de bases militares no território de países aliados.

Conclusões

Primeira — Ainda na década de 80, a União Soviética poderá ficar em condições de:

- controlar o petróleo do Golfo Pérsico;
- comprometer a utilização das vias marítimas percorridas pelos navios que

(19) Lewis A. Tambs, *in op. cit.*

— partindo do Golfo Pérsico — vão suprir de petróleo os Estados Unidos, os países da Europa Ocidental, o Japão, bem como outros países pró-Occidente;

— prejudicar os suprimentos de petróleo aos Estados Unidos na região do Caribe.

Segunda — A aplicação conjunta dessas três ações estratégicas poderá provocar a asfixia econômica das potências capitalistas.

Para superar tais ameaças, os EUA e aliados terão que partir para um *confronto direto limitado* com a URSS, realizado por meio de ações anfíbias e aeronavais, particularmente na zona do Caribe.

"A proteção das rotas marítimas que ligam as nações comerciantes do mundo livre, através dos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico, poderá ser assegurada — segundo Ray S. Cline — (20) pelo "estabelecimento de uma *Aliança de Todos os Oceanos*, uma nova *Liga Ateniese* constituída pelos seguintes países marítimos e comerciais trabalhando junto com os Estados Unidos: Grã-Bretanha, França, Canadá, Brasil, México, África do Sul, Japão, Austrália, além de outros."

O período de "confrontação direta limitada" *poderá ser decidido no mar.*

Com exceção da zona do Caribe, as condições geoestratégicas são favoráveis à União Soviética. O tempo disponível para o fortalecimento do Poder Naval dos Estados Unidos e aliados já é escasso.

Período da Confrontação Global

Premissas Básicas

1ª) Participação da RPC no confronto global como aliada dos Estados

(20) *in op. cit.*

Unidos — melhor hipótese para o Ocidente.

2ª) Os objetivos da União Soviética são essencialmente econômicos. A desestabilização da economia do Bloco Ocidental apresentaria sérios prejuízos para os soviéticos, pois estes são muito dependentes da tecnologia e dos alimentos do Ocidente.

Para evitar o estrangulamento econômico, os Estados Unidos e seus aliados poderiam ter como únicas opções:

1ª) Partir para o confronto direto global com o objetivo de destruir as fontes do poder soviético, localizadas no seu *heartland* industrial.

2ª) Negociar a paz com os soviéticos.

Confronto Direto Global

As ações geoestratégicas estão na ineliminável dependência da geografia. Por isso, uma agressão dos Estados Unidos e seus aliados à União Soviética, estaria subordinada às três grandes frentes estratégicas:

- a frente do Ártico por meio do confronto aeroespacial;
- a frente europeia ocupada pelas forças da NATO e do Pacto de Varsóvia;
- a frente sino-soviética a oeste da Mongólia onde se defrontam tropas da RPC e da URSS.

A destruição (não neutralização) das fontes do poder soviético localizadas na Rússia europeia poderia ser concretizada com a conjugação das três grandes manobras estratégicas:

- ataque aeroespacial através do Ártico para proporcionar cobertura às ações terrestres;
- invasão da Rússia europeia pelas forças da OTAN;
- invasão da Sibéria pelas Forças chinesas para ameaçar a retaguarda do Exército Vermelho nas alturas dos Urais.

Frente do Ártico

Uma ação estratégica realizada pelo Poder Aeroespacial dos Estados Unidos através do Ártico poderá apresentar resultados favoráveis.

Frente OTAN — Pacto de Varsóvia

Historicamente, as tentativas de invasão da Rússia pelo Ocidente terminaram em fracasso militar. Em 1812, Napoleão, com um exército de mais de meio milhão de homens — *grand armée* — e absoluta superioridade militar, invade a Rússia, vence a batalha de Borodino, ocupa Moscou e acaba sofrendo impressionante derrota. Em 1941, Hitler, pretendendo "esmagar a União Soviética numa rápida campanha", invade a Rússia com 133 divisões protegidas pela supremacia aérea. Não consegue conquistar Moscou, é derrotado na desastrosa batalha de Stalingrado e obrigado a abandonar o território soviético.

Para invadir a União Soviética, as forças da OTAN teriam — comparativamente com os agressores de 1812 e 1941 — que enfrentar um adversário mais forte, defendendo um território com maior profundidade.

Outros fatores concorrem para desestimular uma agressão dos membros da OTAN aos países do Bloco Comunista:

- a vulnerabilidade estratégica da Europa ocidental diante de uma agressão soviética;
- a ação do Eurocomunismo;
- a influência da *ostopolitik* de Willy Brandt no relacionamento de países da Europa ocidental com os países comunistas;
- os fortes interesses comerciais existentes entre as duas potências da Eu-

ropa ocidental (Alemanha e França) e a União Soviética.

Como nem os membros da OTAN, nem os soviéticos estão interessados na destruição da Europa ocidental, esta poderia ser "finlandizada" (neutralizada).

Frente Sino-Soviética

A vantagem estratégica está com a União Soviética:

— porque possui superioridade militar (particularmente aeroespacial) e dispõe de vastos espaços para sua defesa;

— porque a ação da RPC sobre o território da União Soviética poderia ser dificultada por forças da Mongólia, Vietnã, e talvez da Índia, agindo nos flancos do Exército chinês;

— porque a ação estratégica chinesa ficaria na dependência de extensas e vulneráveis vias de transporte (terrestres e marítimas) para o volumoso apoio logístico.

A República Popular da China, por seu grande espaço e imenso potencial humano, é uma área de difícil controle pelo poder soviético. Não está em condições de fornecer alimentos e proporcionar tecnologia aos soviéticos. Pelo contrário, é grande consumidora. A RPC, com mais de um bilhão de habitantes (cerca do quádruplo da população da URSS para um território bem menor que a metade do soviético), poderá constituir, no futuro, ameaça à integridade territorial da URSS por causa dos seus grandes espaços vazios na Sibéria.

Herman Kahn observa que "durante cerca de 2.000 anos os chineses não revelaram tendências de verdadeira nação militar, mas têm-se mostrado expansionistas. O país de que mais desejam recuperar terras é a Rússia. Ora, a Rússia é muito firme em relação ao território

pátrio e não está disposta a ceder terras à China". (21)

Para superar séria ameaça à sua integridade territorial (e, portanto, em sua legítima defesa), a União Soviética poderá empregar, com segurança, engenhos atômicos contra a República Popular da China. Esta ação estratégica seria favorecida:

— pela absoluta superioridade do poder nuclear soviético;

— pelo fato de que um engajamento dos EUA num confronto nuclear com a URSS não conviria a nenhum dos dois adversários — equilíbrio do terror.

— porque a represália nuclear dos Estados Unidos não preservaria a China da agressão soviética.

Além dessas razões, os soviéticos certamente não teriam restrições de ordem moral porque o precedente no emprego de engenhos atômicos, na Ásia, foi aberto pelos EUA, e os soviéticos já eliminaram milhões de indivíduos em ações repressivas para preservar a segurança do Sistema.

Negociação da Paz

Na impossibilidade de assegurar, pela força, a livre utilização do petróleo do Oriente Médio, as exigências em hidrocarbonetos e gás natural dos países industrializados não-comunistas ficarão basicamente na dependência:

— das reservas do Hemisfério Ocidental, cuja defesa pode ser assegurada pelos países da área;

— do fornecimento de países da África. Esse fornecimento poderá se tornar incerto e excessivamente dispendioso.

(21) Herman Kahn, *in Temos Guerras Maiores pela Frente?*

— por serem adversários das Nações Unidas — foram destruídos durante a 2ª Guerra Mundial. Por interesses estratégicos, sua recuperação econômica foi assegurada pelos Estados Unidos. Talvez por algum instinto de sobrevivência (ou por reconhecerem que seus prósperos povos não aceitariam recomeçar tudo de novo) preferam ficar à margem do conflito, admitindo que a URSS não estaria interessada na sua destruição, nem teria condições de controlar o mundo inteiro. O verdadeiro adversário da União Soviética — devem admitir — são os Estados Unidos. Apesar dessa evidência, boa parcela do povo norte-americano talvez ainda relute em aceitar tal realidade. Para personalidades dos Estados Unidos com grande penetração na opinião pública, como George F. Kennan, John K. Galbraith, Donald M. Kendall, e outros, “o único caminho para deter a União Soviética, em seus propósitos expansionistas, é o do diálogo e da negociação”.

Na Europa Ocidental — como vimos anteriormente — são muito fortes as resistências ao aprestamento militar com vistas a oposição à ameaça soviética.

A política realística e pragmática mostra que, na própria área comunista, será possível encontrar-se fortes aliados, constituídos pelas nações ameaçadas pelo “social-imperialismo”. Dentre esses, destaca-se a República Popular da China. Resta saber, até que ponto o governo dos Estados Unidos terá condições de executar dispendiosos programas de aprestamento para a guerra e, sobretudo, para apoiar a transformação da China comunista em grande potência militar.

Manobra Estratégica Global

A importância geoestratégica da União Soviética resulta, particularmente:

- do espaço e posição do seu território;
- do valor dos seus centros de poder (político, econômico, demográfico e militar) relativamente aos dos seus adversários;
- da capacidade estratégica do seu poder militar.

O poder geoestratégico da União Soviética projeta-se com muita intensidade no hemisfério norte, mas é fraco no hemisfério sul. Talvez constituam exemplos dessa fraqueza as frustradas tentativas de implantação de regimes comunistas em países da América do Sul.

O equilíbrio do poder mundial poderá ser assegurado com o surgimento, no hemisfério sul, de um ou vários centros de poder de importância mundial. Tal fato, provocaria o desequilíbrio estratégico da União Soviética no contexto mundial.

Para o Almirante Lepotier, “a evolução dos fatores geoestratégicos mais característicos é representada pela mudança funcional das regiões polares. O Ártico, ontem inacessível, está-se tornando uma frente de contacto aéreo entre as duas potências líderes. A Antártida transforma-se na plataforma de retaguarda, decisiva para os transportes marítimos e aéreos do Ocidente. Ao mesmo tempo, o triângulo América do Sul-África-Austrália assegurará, em futuro próximo, as conexões aéreas mais remotas no hemisfério sul”.

O surgimento das grandes potências depende de condições geoestratégicas favoráveis e, para que haja crescimento, é necessário a proteção do poder militar.

Condições geoestratégicas favoráveis significam facilidades proporcionadas pela geografia para a segurança e expansão. Cabe ao poder militar favorecer a

expansão, tanto comercial como política.

Roma, ocupando posição central na bacia do Mediterrâneo, graças à sua rede de estradas impunha, com suas legiões, os interesses do Império em imensa região. Portugal e Espanha, junto ao Atlântico, puderam, com a defesa de pontos de controle das rotas marítimas, estabelecer impérios mundiais. A Inglaterra, graças à situação insular e ao seu poder marítimo, ocupou posição predominante na Europa porque podia intervir no continente e ficar a salvo das suas agressões. O controle das rotas marítimas permitiu que os britânicos estabelecessem o maior império mundial.

O hemisfério sul apresenta grandes contrastes com relação ao hemisfério norte. Estão no hemisfério norte as mais extensas massas continentais e, também, os principais centros de poder. Estas massas continentais cercam o Ártico, um oceano.

No hemisfério sul predominam as massas oceânicas. A região polar do hemisfério sul está ocupada pela Antártida, um continente. Três massas continentais projetam-se na direção da Antártida e cercam este continente. A África é a mais afastada, pois o Cabo da Boa Esperança está a cerca de 6.000 km da Antártida (corresponde à distância de S. Luís, do Maranhão, a Buenos Aires, por estrada). A Tasmânia, no sul da Austrália, dista 5.000 quilômetros do continente (distância Belém-Montevideu, por estrada). A mais próxima é a América do Sul que está a 4.000 quilômetros da península setentrional da Antártida. Distância correspondente à estrada Belém-Porto Alegre e, também, inferior às distâncias existentes entre os pontos extremos do Brasil.

A África faz parte da "Ilha Mundial" sugerida por Mackinder. Por isso, sua geopolítica está muito dependente dos interesses dos principais centros de poder da Eurásia. Mas, sua porção meridional, por suas características geoestratégicas, poderá integrar-se à geopolítica do hemisfério sul.

O isolamento geopolítico da Austrália favorece a sua segurança e não somente promete sua importância geoestratégica que aumentará à proporção que os centros de poder do hemisfério forem impondo sua importância mundial.

A América do Sul apresenta, no quadro geoestratégico mundial, vantajosa posição:

- no caso de um confronto aeroespacial entre os EUA e a URSS através do Ártico, ficará em vantajosa posição de retaguarda que lhe permite relativa segurança;

- domina as rotas que ligam o Atlântico ao Pacífico;

- dispõe de adequado poder aeronaval ficará em condições de controlar o Atlântico sul bem como as suas ligações com o Atlântico norte.

Por suas condições geoestratégicas, a América do Sul poderá transformar-se no *heartland* do mundo anfíbio constituído pelo hemisfério sul:

- seu território apresenta vantajosa segurança resultante do fato de — com seus 18 milhões de quilômetros quadrados — constituir uma grande ilha muito isolada dos demais continentes, exceto do norte-americano do qual acha-se separada pelo Canal do Panamá;

- possui os elementos (geografia, cultura, formação histórica, interesses econômicos) favoráveis à integração;

- tem condições para transformar-se numa autarquia (segundo Haushofer,

é o "ideal de auto-suficiência nacional no sentido econômico"), pois produz os alimentos de que necessita e grande parte das matérias-primas indispensáveis ao seu parque industrial;

— possui uma população de 237 milhões de habitantes, situando-se, portanto, entre a URSS que possui 262 milhões e os EUA, com 219 milhões;

— os maiores centros de poder do hemisfério meridional estão na América do Sul;

— seus numerosos portos — espalhados por imenso litoral — estão permanentemente abertos a todos os oceanos;

— a parte mais meridional do seu território está "debruçada" na grande península setentrional da Antártica e desta separada, apenas, pela passagem de Drake.

A Antártida — por seus recursos estratégicos — poderá constituir, no futuro, o "Oriente Médio" do Hemisfério Sul. Resta saber, que povos estarão em condições de controlar os seus recursos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BALDWIN, Hanson W. — *Grandes Errores de la Guerra* — Biblioteca del Oficial, Círculo Militar, Buenos Aires, 1952.

BOER, Nicolas — *A Influência do Pensamento Militar na Conduta Política Internacional* — "Seminário Internacional de Política e Estratégia", São Paulo, 1979.

BOUTHOU, Gaston, e CARRÈRE, René — *O Desafio da Guerra (Dois Séculos de Guerra — 1740/1974)* — Biblioteca do Exército Editora, Rio, 1979.

CLINE, Ray S. — *Avaliação do Poder Mundial* — "Seminário Internacional de Política e Estratégia", São Paulo, 1979.

CROUZET, Maurice — *História Geral das Civilizações (Tomo VII) — A Época Contemporânea*. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1963.

DIRETORIA DE HISTÓRIA MILITAR (Departamento do Exército dos Estados Unidos) — *As Grandes Decisões Estratégicas (II Guerra Mundial)* — Biblioteca do Exército Editora, Rio, 1977.

COUTO E SILVA, Golbery, General — *Geopolítica do Brasil* — Livraria José Olímpio Editora, Rio, 1967.

IBSEN, Gusmão Câmara — *O Pensamento Estratégico Brasileiro — (Projeção de Nossa Maritimidade na Estratégia Nacional)* — "Seminário Internacional de Política e Estratégia", São Paulo, 1979.

LANDAU, Volterio — *Geopolítica Transversal de un Mundo en Acheo* — Editorial Albatros, Buenos Aires, 1974.

LAVANÈRE-WANDERLEY, Nelson Freire — *O Pensamento Estratégico Brasileiro (O Poder Aeroespacial)* — "Seminário Internacional de Política e Estratégia", São Paulo, 1979.

MEIRA MATTOS, General — *Brasil: Geopolítica e Destino* — Livraria José Olímpio Editora, Rio, 1979.

STRAUSZ-HUPÉ, Robert — *Geopolítica. (la lucha por el espacio y el poder)* — Editorial Hermes, México, 1945.

TAMBS, Lewis A. — *A Influência da Geopolítica na Formulação da Política Internacional e da Estratégia das Grandes Potências* — "Seminário Internacional de Política e Estratégia", São Paulo, 1979.

THEREZINHA DE CASTRO — *Rumo à Antártica* — Livraria Freitas Bastos.

TOSTA, Octávio — *Teorias Geopolíticas* — pub. ESG/C — 28-61.

— *Geopolítica Aplicada — Aspectos Mundiais e Sul-Americanos* — Pub. ESG/C2 — 27-66.

— *Teorias Geopolíticas* (inédito) — 1980.

TOYNBEE, Arnold J. — *A Civilização Posta à Prova* — Cia. Editora Nacional, 1953.

— *O Mundo e o Ocidente* — Cia. Editora Nacional, Rio, 1955.

VICENS VIVES, Dr. J. — *Tratado General de Geopolítica* — Universidad de Barcelona, 1956.

WEIGERT, Hasn W. — *Geopolítica (Generales y Geógrafos)* — Editorial Huella, Buenos Aires, 1956.